

Love flesh / Carne de amor:

Metáforas do homoerotismo em Walt Whitman e em Eugénio de Andrade¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa, Viseu / Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

Palavras-chave: Walt Whitman, Eugénio de Andrade, homoerotismo, metáfora, “Calamus”.

Keywords: Walt Whitman, Eugénio de Andrade, homoerotism, metaphor, “Calamus”.

Quem pode passar uma lei aos amantes?
Se o amor é uma lei mais poderosa.
Boethius, *De Consolatione Philosophae* (523 d.C.)

1. Dois poetas no armário

Em 1990, uma polémica agitou os meios de comunicação social de Filadélfia, e relançou o debate em torno dos preconceitos ainda existentes acerca da homossexualidade. Um anúncio produzido pela Gay and Lesbian Taskforce, com o objetivo de reduzir a estigmatização das minorias, mostrava um jovem, em frente à ponte Walt Whitman. Perante as câmaras de televisão, este confessava o seu espanto ao descobrir que o mais conhecido poeta norte-americano era homossexual, e acrescentava: “I wish I had known that when I was in high school. Back then, I got hassled all the time by the other kids, ‘cause I’m gay — and the teachers — they didn’t say anything. Why didn’t they tell me Walt Whitman was gay?” (Erkkila, 1996: 6). Seis estações televisivas recusaram emitir o referido anúncio, alegando que denegriria a imagem pública do escritor, e preferindo ignorar que Whitman (1819-1892), “the good *gray* poet” (o bom poeta grisalho), era também “the good *gay* poet”.

Similarmente, existe um certo silêncio, na imprensa e canais televisivos, acerca da orientação sexual do poeta Eugénio de Andrade (1923-2005), tornando essa faceta pouco conhecida ou incógnita junto do público. Os documentários *Eugénio de Andrade, O Poeta*, e *Eugénio de Andrade, Rosto Precário*, realizados por Jorge Campos para a RTP, e transmitidos em 6 de Novembro de 1993, não abordam a questão, apesar do seu pendor biográfico. É verdade que, num deles, Eduardo Lourenço menciona a afetividade do poeta, na esfera do masculino, mas trata-se de uma alusão tão vaga quanto passageira. O homoerotismo *escrito* na poesia deste autor raras vezes é *descrito* nas páginas do ensaio académico. Neste sentido,

¹ Mancelos, João de. “Love flesh/Carne de amor: Metáforas do homoerotismo em Walt Whitman e Eugénio de Andrade”. *Forma Breve* 7 (2009): 131-143. ISSN: 1645-927X

Eduardo Pitta denuncia um “branqueamento da homossexualidade de Eugénio”, e fala de uma distorção da sua “identidade sexual” (Pitta, 2005: 2).

Existem na obra eugeniana sinais ardentes dessa forma de desejo e amor. Neste artigo, interessa-me sobretudo realçar as páginas onde aborda a orientação homossexual, recorrendo à intertextualidade com versos de Whitman; aludindo à vida amorosa deste com Peter Doyle; empregando símbolos fálicos e metáforas eróticas idênticas ou semelhantes. É como se o poeta de Brooklyn desse a mão ao escritor português, e o ajudasse a entreabrir a porta do armário. Para tanto, abordo esse cruzamento de afetos pessoais e literários, que revela desejos e medos, segredos e confidências cautelosamente velados pela metáfora. Pretendo, assim, no contexto do colóquio *Homografias*, facultar um pequeno contributo para o desenvolvimento dos estudos da sexualidade — uma área que, no nosso país, ainda ensaia os primeiros passos, no corredor escuro do preconceito.

2. O segredo dos faunos

Após a morte de Whitman, os biógrafos descobriram um caderno com registos intrigantes, datados de 1870, a manter longe de olhares indiscretos. O receio de que estas entradas diarísticas pudessem um dia ser lidas levava o poeta a mudar o pronome pessoal do masculino para o feminino, e a usar um código numérico para disfarçar o nome do amante (Allen, 1985: 423). Por exemplo, em 17 de Junho, Whitman escreveu: “(...) always preserve a kind spirit & demeanor to 16. But PURSUE HER NO MORE” (Whitman, 2007: 95). Um mês depois, em 15 de Julho, um novo registo adensa o mistério, e deixa antever um sentimento de vergonha: “TO GIVE UP ABSOLUTELY & for good, from this present hour, this FEVERISH, FLUCTUATION, useless undignified pursuit of 16.4 — too long, (much too long) persevered in, — so humiliating — It must come at last & had better come now” (ibid.: 96).

Quem é esta pessoa, designada por 16 ou por 16.4, a que Whitman se refere? E por que motivo pretende evitá-la? Numa biografia de 1937, Edgar Lee Masters suspeita, ingenuamente, que se trataria de uma “mulher de conveniência”, pois, afirma, o poeta jamais se referiria a uma senhora usando um número (Masters, 1968: 153). Outra hipótese, mais plausível, argumenta que Whitman utilizou um código quase infantil, para disfarçar o nome do amado: o número 16 corresponde à posição da letra P no alfabeto e quatro será a D, ou seja, alguém cujas iniciais eram P. D. (Allen, 1985: 423).

Foi numa noite tempestuosa do Inverno de 1865, que Whitman, após um serão passado com o amigo John Burroughs, entrou num bonde, para regressar a casa. O condutor

era um jovem, ex-soldado na Guerra Civil, que dava pelo nome de Peter Doyle, ou seja P. D., as iniciais codificadas no caderno a que aludi. Como não havia mais ninguém na carruagem, e sentindo o olhar convidativo de Whitman, decidiu fazer-lhe companhia. A afinidade entre ambos foi tão imediata que o poeta não se apeou e, em vez disso, realizou todo o percurso inverso, até à central de transportes (Katz, 2003: 165).

A viagem através da cidade adormecida marcou o início de uma relação intensa e longa. Em Doyle, encontrou Whitman uma alma gémea, o seu “beloved male friend” ou “darling son”; por seu turno, o jovem referia-se-lhe como “affectionate father and comrade” (Oliver, 2006: 278-279). Tal intimidade nem sempre foi pacífica — Whitman queixava-se que o companheiro gostava pouco de poesia e demasiado de mulheres e cerveja, como qualquer bom descendente de irlandeses. Apesar de tudo, Doyle amparou o poeta na doença e na velhice, e ajudou a perdurar a sua imagem de escritor fraterno, junto da crítica e dos leitores (ibid.: 278-279).

Whitman celebrou o amante em diversos poemas da secção “Calamus”, entre os quais se conta “A Glimpse”, um apontamento em verso livre:

A glimpse through an interstice caught,
Of a crowd of workmen and drivers in a barroom around the stove
 late of a winter night, and I unremarked seated in a corner,
Of a youth who loves me and whom I love, silently approaching and
 seating himself near, that he may hold me by the hand,
A long while amid the noises of coming and going, of drinking and
 oath and smutty jest,
There we two, content, happy in being together, speaking little,
 perhaps not a word.
(Whitman, 1986: 163)

No anonimato de uma taberna apinhada de trabalhadores, resguardados da invernia pelo calor do fogo e do álcool, o sujeito poético cruza o olhar com um jovem, e daí o título do texto, “A Glimpse”. Inocentemente, dá-lhe a mão, manifestando com este gesto singelo uma eloquência que faltaria às palavras. No ambiente mundano que os rodeia, o instante de afeto passa despercebido, mas entre os dois homens gera-se uma cumplicidade silenciosa. Eugénio evoca este poema no texto em prosa “Walt Whitman e os Pássaros”, de que reproduzo apenas as primeiras linhas:

Ao acordar lembrei-me de Peter Doyle. Deviam ser seis horas, na
austrália em frente um pássaro cantava. Não vou jurar que cantasse
em inglês, só os pássaros de Virgínia Woolf têm privilégios assim,
mas o júbilo do meu pisco trouxe-me à memória a cotovia dos
prados americanos e o rosto friorento do jovem irlandês, que

naquele inverno Walt Whitman amou, sentado ao fundo da taberna, esfregando as mãos, junto ao calor do fogão. (Andrade, 2005: 289-290)

Eugénio capta a atmosfera do texto de Whitman, ao mencionar o seu amado, Peter Doyle, descrito como “o jovem irlandês”, e o pequeno milagre de amor que os uniu, no ambiente ruidoso da taberna.

“A Glimpse” é um dos trinta e nove textos da secção “Calamus”, que aprofundam o desejo homossexual com uma frontalidade suficiente para a crítica contemporânea o considerar quase um manifesto *gay*. O título é significativo, pois remete para uma lenda acerca do desafortunado amor entre dois jovens: Cálamo, filho do deus-rio Menandro, e Carpo, também de ascendência divina. Quando nadavam no rio, Cálamo tenta ultrapassar o amigo, que se afoga durante a competição. Consumido pela dor, o primeiro também soçobra e volve-se numa cana, enquanto o segundo se transforma num fruto campestre. Segundo a lenda, o sussurro das canas sob a brisa não é mais do que o eterno lamento de Cálamo pelo amante tragicamente morto (Grimal, 1999: 69).

Se o título da secção deixasse margem para dúvidas, o primeiro poema de “Calamus”, intitulado “In Paths Untrodden”, esclarecê-las-ia. Num tom confessional, Whitman anuncia ao leitor: “I proceed for all who are or have been young men, / To tell the secret of my night and days, / To celebrate the need of comrades” (Whitman, 1986: 146). Para classificar esta atração, o poeta utiliza o termo “adhesiveness”, introduzido pelo médico e frenologista germânico Johann Gaspar Spurzheim (1776-1832) (Johansson, 1990: 12-13). Evita, assim, utilizar a palavra “homossexualidade”, suscetível de gerar desconforto, sobretudo entre os leitores menos liberais da sua obra. Como expressão sinónima de “adhesiveness”, Whitman emprega “robust love”, sublinhando quer a força emocional do amor, quer a energia física dos amantes (Whitman, 1986: 158, 162, 164). São sobretudo jovens rufias e musculados, pertencentes às classes trabalhadoras, e quase sem educação formal, que o poeta exalta:

Those of the open atmosphere, coarse, sunlit, fresh, nutritious,
 Those that go their own gait, erect, stepping with freedom and
 command, leading, not following,
 Those with a never-quell'd audacity, those with sweet and lusty flesh
 clear of taint,
 Those that look carelessly in the faces of Presidents and governors,
 as to say Who are you?
 (ibid.: 161)

No contexto sexual, estes camaradas, classificados pelos adjetivos “erect” ou “lusty”, são os intervenientes ativos, que penetram e lideram o ato amoroso (ibid.: 161). Por seu turno,

o poeta assume-se, neste e em numerosos textos, como um indivíduo passivo, um “tenderest lover” (ibid.: 154).

Whitman vela o seu segredo cautelosamente através de metáforas ligadas à natureza vegetal, envolvendo a folha de erva, o cálamo, a espiga de milho, ou o carvalho — todos elementos fálicos. O primeiro é o mais recorrente e importante, se atendermos ao título da obra-prima de Whitman, *Leaves of Grass* (1855-1892), considerada por Ed Folsom e Kenneth Price como a Bíblia americana (Folsom e Price, 2005: 60). Ao longo da obra, a folha de erva representa o renascimento da natureza e da literatura estado-unidense; a juventude quase eterna; e o sexo masculino. Na sexta parte de “Song of Myself”, desafiado pela curiosidade de uma criança, o poeta questiona-se acerca do significado essencial deste elemento: “A child said, What is the grass? fetching it to me with full hands; / How could I answer the child? I do not know what it is any more than he” (Whitman, 1986: 68).

O tom inicialmente pueril do texto depressa adquire conotações homoeróticas, graças às alusões ao peito dos jovens que o poeta confessa amar, os pelos metaforizados em erva:

Tenderly will I use your curling grass,
It may be you transpire from the breasts of young men,
It may be if I had known them I would have loved them;
It may be you are from old people and from women, and from
offspring taken soon out of their mother’s laps,
And here you are the mother’s laps.
(ibid.: 68)

Na brevíssima composição “Mediterrâneo”, quase um fragmento de rigor clássico, Eugénio parafraseia o primeiro verso da secção transcrita:

Como no poema de Whitman um rapazito
aproximou-se e perguntou-me: O que é a erva?
Entre o seu olhar e o meu o ar doía.
À sombra de outras tardes eu falava-lhe
das abelhas e dos cardos rente à terra.
(Andrade, 2005: 214)

Estes versos bucólicos apenas parecem inocentes numa leitura superficial. Quando se pesa o sentido de certas palavras-chave, o texto revela conotações homoeróticas inequívocas. Por exemplo, a folha de erva e os cardos constituem símbolos fálicos, e a abelha também, se pensarmos no aguilhão. Neste contexto, o verbo “falar” não remete apenas para a conversa entre o homem e a criança, mas também para o “falo” e, implicitamente, para o ato sexual. De igual modo, a expressão “o ar doía”, se lida em voz alta, assemelha-se a “ardor”, termo que em

semântico, que confere musicalidade a um texto de versos irregulares e lânguidos: “without its near friend, for I knew I could not” e “without a friend or lover near, / I know very well I could not” (ibid.: 159).

De igual modo, Eugénio recorre frequentemente a frutos, flores e árvores para compor metáforas e imagens eróticas, onde o corpo surge vegetalizado. No poema “Os Pêssegos”, por exemplo, compara estes frutos às nádegas dos jovens, que os dedos envelhecidos do poeta anseiam — mas não ousam — acariciar:

Lembram adolescentes nus:
a doirada pele das nádegas
com marcas de carmim, a penugem leve,
mais encrespada e fulva
em torno do sexo distendido
e fácil, vulnerável aos desejos
de quem só o contempla e não ousa
aproximar dos flancos matinais
a crepuscular lentidão dos dedos.
(Andrade, 2005: 441)

O desejo homoerótico irrompe também nos versos do conhecido texto “Corpo Habitado”, um dos mais belos de Eugénio, precisamente pelo carácter metafórico. Na segunda estrofe, o poeta recorre aos diversos sentidos (visão, gosto, audição), para transformar o corpo numa paisagem sensual:

Corpo com gosto a erva rasa
De secreto jardim,
Corpo onde entro em casa,
Corpo onde me deito
Para sugar o silêncio
Ouvir
O rumor das espigas,
Respirar
A doçura escuríssima das silvas.
(ibid.: 146)

Aqui, a respiração do amante é equiparada ao rumor das espigas, e os cabelos e pêlos reinventam-se como erva ou silvas, à maneira de Whitman, parte de um jardim semelhante ao do *Cântico dos Cânticos*. Alguns substantivos apresentados no poema (“espigas”, “erva”, “jardim”, “silêncio”) são, como afirma Luís Miguel Nava, “signos carregados”, termos investidos de um peso afetivo eufórico (Nava, 1987: 22). Pelo facto de serem recorrentes na obra eugeniana, facilitam a interpretação do leitor, por um lado, e concedem alguma unidade aos textos mais fragmentários, por outro.

Certas composições, já na fase final da vida de Eugénio, desvendam o tema do homoerotismo de forma explícita. Uma expressão de Whitman, “love-flesh”, presente em “I Sing the Body Electric” (Whitman, 1986: 131), impressionou particularmente o poeta, ao ponto de este a utilizar como mote no texto do mesmo título:

Carne. Carne de amor. Love-flesh,
 como lhe chamou Whitman.
 Amada carne até aos bordos cheia
 de ardor, fremente de seiva.
 Carne endurecida
 até à alma. Ereta carne
 profunda. Vertical esplendor
 subindo às estrelas. Ou mais
 alto ainda. Talvez à eternidade.
 Ámen.
 (Andrade, 2005: 467)

O êxtase, aludido nos versos finais, assume aqui a qualidade de uma experiência religiosa ou mística. Nesta linha, o poema apresenta a estrutura de uma prece: abre com uma evocação à “carne de amor”; desenvolve-se através de referências fálicas (“fremente de seiva”, “carne endurecida”, “ereta”), e conclui-se com a palavra “ámen” (ibid.: 467). Revela-se, nestes versos, um conceito whitmaniano: acreditar que a matéria e o espírito não são dicotómicos, mas antes se completam, através do ato sexual. O exaltado poema “I Sing the Body Electric”, apresenta versos que argumentam a igualdade do corpo e da alma: “If the body were not the soul, what is the soul?”; “You are the gates of the body and you are the gates of the soul”; “The man’s body is sacred and the woman’s body is sacred” (Whitman, 1986: 128, 131-132). Semelhantemente, Eugénio insurge-se contra a oposição entre o corpo e a alma, afirmando a paridade de ambos, nestas linhas do volume de apontamentos biográficos e entrevistas, *Rosto Precário* (1979):

Nunca nenhum dualismo serviu bem o poeta. Esse ‘pastor do Ser’, na tão bela expressão de Heidegger, é, como nenhum outro homem, nostálgico de um antiga unidade. As mil e uma antinomias, tão escolarmente elaboradas, quando não pervertem a primordial fonte do desejo, pecam sempre por cindir a inteireza que é todo um homem. Não há vitória definitiva sem a reconciliação dos contrários.
 (Andrade, 1995: 19)

3. Amar sem culpa

Em *Leaves of Grass* (1855-1892), Whitman perspectiva a atividade sexual entre um

homem e uma mulher sem culpa nem assombro, e as experiências do corpo são francamente valorizadas. Mas encarará da mesma forma a *sua* homossexualidade, numa época onde essa característica era considerada uma doença e um crime? (Price, 2004: 56). Na ausência de alusões explícitas no seu diário, é preciso descortinar os indícios possíveis nas entrelinhas dos versos, sempre com a necessária cautela.

Na obra de Whitman, o namoro feliz entre homossexuais parece ser impossível, ora porque o amado o abandona, ora porque, no extremo, morre. Por exemplo, o poema “Hours Continuing Long”, excluído de *Leaves of Grass* (1855-1892) pelo autor, revela o sofrimento sentido após uma separação: “Sullen and suffering hours! (I am ashamed — but it is useless — I am what I am;) / Hours of my torment — I wonder if other men ever have the like, out of the like feelings)? / Is there even one like me — his friend, his lover, lost to him” (Whitman, 1986: 609). Neste trecho, para além da dor gerada pelo abandono, surgem sentimentos como a vergonha, o desespero e a inquietude, próprios de quem não se sente à-vontade numa relação ou com a sua sexualidade.

Noutros textos, o amor entre indivíduos do mesmo sexo emerge sob o signo da morte: basta recordar que o título da secção “Calamus” alude, desde logo, ao afogamento dos lendários amantes homossexuais. Esta morbidez recorre em vários outros textos, nomeadamente na secção “Drum-Taps”, centrada na Guerra Civil (1861-1865), na qual Whitman participou como enfermeiro. Em “Vigil Strange I Kept on the Field one Night”, por exemplo, o sujeito poético vela um rapaz morto no campo de batalha, e descreve-o como “my son and my comrade” (ibid.: 328) — justamente o tipo de relação simultaneamente filial e amorosa usada pelo bardo no contexto da homossexualidade. Dentre as várias explicações possíveis para esta aproximação entre amor, abandono e morte, Kenneth Price destaca a hipótese de Whitman tentar reprimir — ou *matar* — essa forma de desejo socialmente proibida (Price, 2004: 57). Tal concretiza-se através da destruição do camarada, implicando, é evidente, o final do namoro, e com ele, da vergonha ou culpa.

Pelo contrário, em Eugénio, o desejo, homossexual ou não, emerge dissociado do remorso. No texto “Memória doutro Rio”, incluído na obra do mesmo título (1978), o sujeito poético confia a um pastor que presenciou, excitado, o ato amoroso entre um homem e uma mulher: “[O pastor] pouco mais velho era do que eu, mas mostrou-me como o prazer não tem forçosamente que ver com a culpa. Quem não sabe que os corpos também podem ser conjunção de águas felizes?” (Andrade, 2005: 283). Estas linhas sugerem, subtilmente, que os dois rapazes poderão ter-se amado, à semelhança do casal que o autor vira, momentos antes.

Embora nunca se tenha assumido publicamente como homossexual, é sabido que

Eugénio confidenciava, a alguns amigos, esta orientação, e achava até curioso que tantos casais de sexo oposto recorressem a poemas de sua autoria para expressar o amor que sentiam. Por outro lado, como cidadão, sempre pugnou pelo respeito para com as chamadas *margens*, sobretudo em entrevistas recolhidas no volume *Rosto Precário* (1979). Afirma, por exemplo: “Também no erotismo me recuso aceitar que as minorias sejam atiradas para um gueto” (Andrade, 1995: 110). E defende: “Não me interessa o homem mutilado, luto por um homem que realize toda a sua potencialidade, não só no plano económico, cultural e político, mas também que assuma responsabilmente a sua diferença, mesmo no plano da sexualidade” (Andrade, 1995: 100).

4. Uma voz para as margens silenciadas

O bardo de Brooklyn exercia uma presença magnética tanto sobre homens como mulheres, devido à sua beleza e porte atlético. John Burroughs, um amigo biógrafo, descreveu-o nestes termos: “There was a look about him hard to describe (...): a gray, brooding, elemental look, like the granite rock, something primitive and Adamic that might have belonged to the first man” (Burroughs, 2009: 62). Anne Gilchrist escrevia-lhe regularmente cartas de amor; Susan Garnet Smith desejava oferecer-lhe um filho varão, afirmando que, até lá, os anjos lhe guardariam o útero; e as feministas simpatizaram com ele, pela sua humanidade em relação às mulheres (Kaplan, 1980: 329). No entanto, Peter Doyle foi simultaneamente o seu fauno e musa, inspiração para inúmeros poemas e suporte afetivo.

“Sex is the root of it all”, asseverou, lapidarmente, Whitman ao amigo Horace Traubel (*apud* Reynolds, 2005: 105). Enraizada no desejo, a haste erguida para os deuses, a sua poesia também polinizou o trabalho de poetas homossexuais bem conhecidos, de várias épocas e culturas. Hart Crane (1899-1932), García Lorca (1898-1936), ou Eugénio de Andrade (1923-2005) não enjeitaram esta semente. Nos campos em branco das suas páginas, floresceram homenagens a Whitman, e desabrocharam poemas onde rumorejam ainda os antigos versos do escritor norte-americano.

Se o sexo é a raiz, pode a crítica ignorar a orientação de um escritor, parte da sua identidade, por mais velada que esta surja, nas metáforas de um poema? Nos EUA, na década de sessenta, os armários abriram-se, e surgiram áreas como Gender Theory ou Gay and Lesbian Studies (Ryan, 1999: 115). São novas maneiras de olhar as letras e a cultura, compreendendo o rico caleidoscópio humano. Em Portugal, só após a revolução de Abril, tentativamente se preparou o terreno para esses estudos. Falta descobrir as raízes de que fala

Whitman; falta dar uma voz às margens silenciadas; e falta ainda amar sem culpa.

Referências

- Allen, Gay Wilson (1985). *The Solitary Singer: A Critical Biography of Walt Whitman*. Chicago: U of Chicago P.
- Andrade, Eugénio de (1995). *Rosto Precário*. 6ª ed. revista e acrescentada. Col. Obra de Eugénio de Andrade, 14. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- (2005). *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- Becker, Udo (2000). “Oak”. In *The Continuum Encyclopedia of Symbols*. New York: Continuum Books, 218.
- Burroughs, John (2009). *Whitman: A Study*. Charleston: Biblio Bazaar.
- Erkkila, Betsy (1996). “Introduction: Breaking Bounds”. In ERKKILA, Betsy, GROSSMAN, Jay (eds.). *Breaking Bounds: Whitman and American Cultural Studies*. Oxford: OUP, 3-20.
- Ferreira, António Manuel (2006). *Do Canto ao Conto: Estudos de Literatura Portuguesa*. Aveiro: Edições Til.
- Folsom, Ed, PRICE, Kenneth M. (2005). *Re-Scripting Walt Whitman: An Introduction to His Life and Work*. Malden: Blackwell.
- Grimal, Pierre (1999). “Cálamo”. In *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Algés: Difel, 69.
- Johansson, Warren (1990). “Adhesiveness”. In DYNES, Wayne R., JOHANSSON, Warren, PERCY, William A., DONALDSON, Stephen (eds.). *Encyclopedia of Homosexuality*. Vol. 1. New York: Garland, 12-14.
- Kaplan, Justin (1980). *Walt Whitman: A Life*. New York: Simon and Schuster.
- Katz, Jonathan Ned (2003). *Sex between Men before Homosexuality*. Chicago: U of Chicago P.
- Masters, Edgar Lee (1968). *Whitman*. New York: Biblo and Tannen.
- Nava, Luís Miguel (1987). *O Essencial sobre Eugénio de Andrade*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Oliver, Charles (2006). *Critical Companion to Walt Whitman: A Literary Reference to his Life and Work*. New York: Facts on File/Infobase.
- Pitta, Eduardo (2005, 26 de Junho). “O Mestre da Elipse”. *Público (online)*. In <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=1227264&idCanal=1448>>
- Price, Kenneth M. (2004). *To Walt Whitman, America*. Columbia: U of North Carolina P.
- Reynolds, David S. (2005). *Walt Whitman*. Oxford: OUP.

Ryan, Michael (1999). *Literary Theory: A Practical Introduction*. Oxford: Blackell.

Whitman, Walt (1986). *The Complete Poems*. London: Penguin.

— (2007). *Uncollected Poetry and Prose of Walt Whitman: With Various Early Manuscripts*.
Vol. 2. HOLLOWAY, Emory (ed.). New York: Kessinger.

Resumo

“Sex is the root of it all”, afirmou Walt Whitman (1819-1892). Embora, no quotidiano, ocultasse a sua orientação homossexual, o bardo de Brooklyn cantou os corpos elétricos, e o afeto entre os homens, sobretudo em “Calamus”, uma secção de *Leaves of Grass* (1855-1892). Influenciado por Whitman na vida e na poesia, Eugénio de Andrade (1923-2005) aborda a orientação homossexual, recorrendo à intertextualidade com a obra do poeta norte-americano; aludindo ao relacionamento amoroso deste com Peter Doyle; empregando símbolos fálicos e metáforas eróticas semelhantes. Neste artigo, analiso essa intersecção de gostos pessoais e literários, que revela desejos e medos, segredos e confidências veladas pela metáfora.

Abstract

“Sex is the root of it all”, stated Walt Whitman (1819-1892). Even though, in his daily life, he kept his sexual orientation secret, the Brooklyn bard sang electric bodies, and male adhesiveness, especially in “Calamus”, a section of *Leaves of Grass* (1855-1892). Influenced by Whitman both in life and in poetry, Eugénio de Andrade (1923-2005) approaches homosexual orientation, by resorting to the intertextuality with that North American poet’s literary production; alluding to his love relationship with Peter Doyle; using phallic symbols and similar homoerotic metaphors. In this article, I analyze that intersection of literary and personal likes, which reveals desires and fears, secrets and confidences carefully veiled by metaphors.